

O PANORAMA.

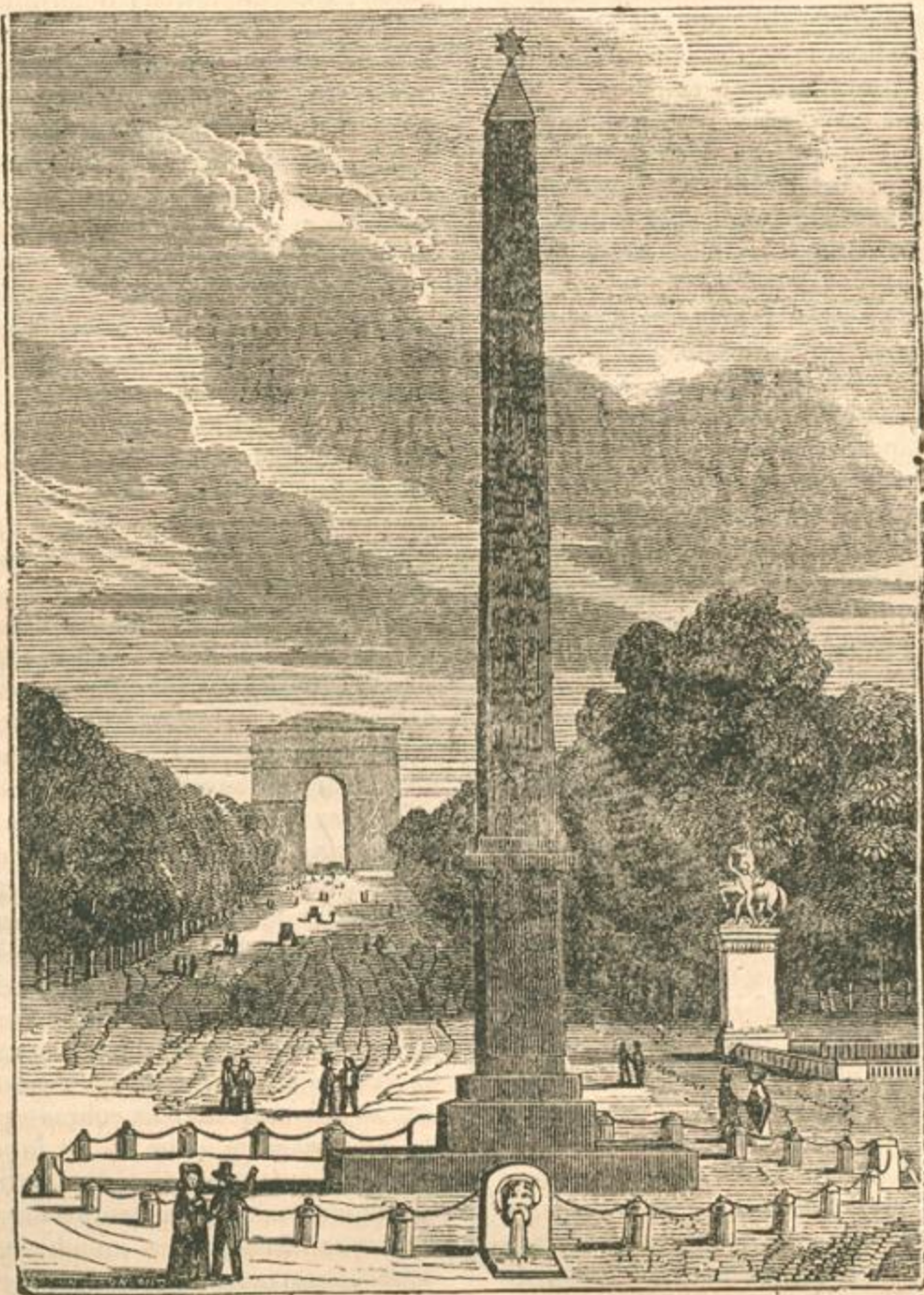
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

26.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

OUTUBRO 28, 1837.



O OBELISCO DE LUQSOR.

Um monumento da antiga civilização egypcia se acha agora em frente dos monumentos da civilização franceza: os seculos antigos das margens do Nilo erguem a cabeça no meio de nossos tempos modernos. Singular destino dos monumentos! As obras do homem, como o mesmo homem, teem suas revoluções, e suas aventuras. Quando no paiz de Thebas, ha perto de trinta e quatro seculos, se alevantou o obelisco actualmente chamado de *Luxor*, ou *Luqsor*, quem diria que o gigante de granito, que ficou solitario entre as ruinas da Thebaida, seria arrancado do seu terreno, e transportado além do mar para o meio de povos, que o admirassem sem o comprehender? Quem diria que, decorrido tão longo periodo, nações novas bateriam as palmas perante o monumento tirado das pedreiras de Syena, como no dia em que a população da antiga Thebas o saudou pela primeira vez erguido sobre a sua base?

A idéa de adornar uma praça de Paris com um monumento da cidade das cem portas pertence ao governo da França anterior a 1830. A expedição de Luqsor foi concebida quando a de Argel: os mesmos

homens que zelavam a honra da bandeira franceza, vigiavam tambem pelo interesse e gloria das artes. Elles tiveram tempo de conquistar Argel, mas não alcançaram ver chegar, das margens orientaes do Nilo, o colosso viajante á praça de Luiz XV.

O governo da restauração herdou talvez este pensamento da epocha de Napoleão, que tencionára transportar alguns dos soberbos monolithos daquelle paiz. Quando o exercito francez, penetrando sob as inspirações ousadas do seu chefe no coração do Egypto, chegou perante as ruinas de Thebas, todos pararam subitamente em silencio de admiração. Jaziam á sua vista templos dispersos, e arruinados, estatuas, palacios, fragmentos immensos d'uma cidade gigante, amontoados uns sobre outros, como se depois de luctas espantosas uma geração extincta os deixasse alli, para unico testemunho de sua existencia, de seu poderio, e dos seus furores. Os soldados de Bonaparte eram dignos deste espectáculo. Passados os primeiros instantes de assombro retumbou naquellas fileiras heroicas um applauso unanime. No ardor do entusiasmo quereriam transferir todos esses monumentos para o

solo patrio, e enfeitar a sua capital, a quem já promettiam numerosas bandeiras tomadas ao inimigo. Porém a guerra com os inglezes interceptava então as communicações, e aquella briosa gente legou a tempos mais pacíficos o cuidado d'enriquecer Paris moderna com os despojos do velho Egypto.

Thebas dilata-se d'ambas as bandas do Nilo em toda a superficie do valle até as montanhas. Quatro aldêas occupam um pequeno espaço de seu vasto circuito: Luqsor e Carnach a leste, e outras duas ao occidente. Todas as construcções, que as cercam, tem um caracter de colossal grandeza, que assombra a imaginação. Quem foram os homens, que arrancaram das pedreiras tão desmedidas moles? Com que desígnio, com que meios apprehenderam tão milagrosos trabalhos? Que querem dizer estes signaes magicos, que cobrem todas as paredes destes edificios? . . . São questões que a curiosidade arma, mas que a sciencia ainda não pôde resolver completamente.

Em Luqsor dois obeliscos guardavam a entrada d'um templo destruido. Era um uso particular da architectura egypcia collocar diante do sanetuario da divindade, ou da morada dos reis, grandes signaes que distinguiam o solemne destino destes edificios. Tal era a serventia dos obeliscos, especie de pyramides, a que tambem chamam *agulhas*, e nelles escreviam os nomes dos principes, que os erigiam, e dos numes a quem eram consagrados. Os de Luqsor são, como todos, formados de uma só peça enorme de granito; mas distinctos dos outros, tanto pelo seu lavor admiravel, como pelo estado de perfeita conservação. O maior tem 75 pés de altura, o outro é pouco mais pequeno. Tres fieiras verticaes de hieroglyphicos cobrem os lados: as do meio gravadas mais fundo, de fórma que a differença do relevo varia o reflexo, e jogo das sombras. Ambos tem esculpido o nome de Rhamesses, ou Sesostris, celebre conquistador, e sabio monarcha daquella região.

O famoso Augusto Octaviano foi o primeiro, que se lembrou de transportar os obeliscos; e tendo achado Roma feita de tijolos (como elle dizia), e querendo-a deixar de marmore, transferiu para Roma dois de Alexandria, erigindo um no Circo Magno, outro no Campo de Marte. Á sua imitação, Caligula trasladou o terceiro; e o navio, ou jangada, em que veio, era tão vasto que, no tempo do imperador Claudio, bastou para construir um dos lados do porto de Ostia. Estas agulhas não eram das mais altas. Constantino quiz desbancar os seus predecessores, trazendo para Byzancio (que do seu nome se ficou chamando Constantinopola) um dos grandes obeliscos de Thebas. Conseguiu conduzi-lo ao porto de Alexandria; mas seu filho Constancio, lhe trocou o destino mandando-o para Roma. Chegou felizmente ás margens do Tibre; mas avaliar-se-ha da imperfeição das artes mechanicas, então, pelos inauditos esforços praticados para mover aquella peça. Ammiano Marcellino, que os descreve, diz que com muitos perigos, e immensos apparelhos de madeira, e cordame, se erguera aquella montanha de pedra coberta d'escripturas com as fadigas de milhares de homens.

A invasão dos barbaros assolando Roma sepultou no pó os monumentos, que não foram arrazados; e seculos passaram antes que alguém se lembrasse de os inaugurar. Sixto V foi quem primeiro cuidou disso, intentando restabelecer o obelisco de Caligula. Poz a empreza a concurso; e de todos os planos o de Fontana mereceu a preferencia. Mas que projecto! A repetição da scena descripta por Ammiano. Todavia no seu tempo passou por maravilhosa, e em vinte grandes estampas foi transmittida á posteridade.

Desde então ninguém mais tractou de obeliscos até

que o governo francez em nossos dias quiz e conseguiu collocar em uma das praças da sua populosa capital este de que tractámos, e que se vê em a nossa estampa qual o possue hoje Paris.

As relações amigaveis da França com o bachá do Egypto, as sollicitações dos antiquarios, e dos amigos das artes, entre os quaes figuraram MM. Delaborde, e Champollion, determinaram o governo a pedir a permissão de tirar os obeliscos de Luxor, ou Luqsor. Era preciso fabricar um navio, que ao mesmo tempo podesse aguentar os mares, e navegar o Nilo, que em muitas paragens é baixo, e que fosse estreito que bastasse para caber pelas arcadas das pontes do Sena, que podesse tambem levar os apparelhos necessarios para a obra, e accommodasse 136 homens de equipagem com os viveres respectivos. Todas estas condições pareciam inconciliaveis; mas a final uma deliberada tenção, e a perseverança, e habilidade venceram os obstaculos, e desmentiram os calculos oppostos, e tudo se fez.

A 15 de Abril de 1830 largou o navio de Toulon: não pôde vencer a barra de bancos do Nilo senão a 17 de Junho, descarregando-se quasi inteiramente, porque só corria em seis pés d'agua, e esteve a ponto d'encalhar. Subiu o rio, auxiliado pelos moradores arabes do littoral, que os turcos do bachá levavam adiante de si á bordoada, e deu fundo a 14 d'Agosto defronte da aldêa de Luqsor, depois de ter vogado 120 leguas de rio. Mr. Lebas, habil engenheiro, encarregado da empreza, já lá estava havia um mez a fazer os preparativos para o mudar: porque foi preciso abrir um caminho do templo para o rio, desentulhar as bases dos obeliscos, e comprar, e demolir umas trinta casas, que os obstruam.

Encalharam a embarcação, que ficou meia-enterada na areia para evitar os damnosos effeitos do sol ardentissimo. A equipagem aposentou-se n'uma sala do palacio dos Pharaós, e pendurou suas macas ao longo daquelles venerandos muros, recamados d'esculpturas: era porém maior a honra do que o prazer de habitar este alojamento, porque os escorpiões saíam a miudo pelas gretas, as cobras se introduziam por entre as taboas de solho, e os *lagartos geckos* (especie venenosa em summo grau) corriam á larga por toda a residencia, n'uma temperatura de 30° a 35° de Reaumur. Dispozeram uma horta ao pé da habitação, dando á terra sementes de toda a casta levadas da Europa, e com maravilhosos resultados; bastará dizer que, sementeado no 1.º do mez, no fim delle serviram-se feijões verdes á mesa do estado-maior. Nos momentos d'ocio os officiaes iam á caça colligir objectos de historia natural. É notavel que a cholera-morbus, que então flagellou o Egypto, e despovoou a aldêa de Luxor, poupasse os marinheiros francezes de fórma que não succumbiu um só.

Finalmente no 1.º de Novembro de 1831 foi o obelisco deslocado da base por um modo semelhante ao que empregaram para depois o inaugurar: toda a gente dos arredores concorreu; tres viajantes inglezes assistiram a este spectaculo: o apparelho trabalhou optimamente, e dentro em 25 minutos aquella mole immensa estava em terra sem o menor desar. Conduziram-no ao sitio do embarque fazendo-o correr ao comprimento sobre peças de madeira, como se deita um navio ao mar; e para o metterem a bordo foi mister cortar a proa da embarcação, ficando o porão de nivel com a calbe, ou caminho de madeira, por onde o traziam. Fez-se isto a 17 de Novembro; e quando o tiveram perfeitamente accommodado, e precavido contra o balanço do navio, ajustaram a parte da proa, que tinham serrado para lhe dar entrada.

Aos 25 d'Agosto do anno seguinte o crescimento

das aguas permittiu á expedição descer o rio: o navio correu ainda mais perigos do que da primeira vez para transpôr a foz; mas conseguiu-o a salvamento no 1.º de Janeiro de 1833, e tres mezes depois deu á véla d'Alexandria para a França, rebocado pelo barco de vapor a *Esphinge*, que tocou em Zante, Toulon, Gibraltar, Corunha, e Cherburgo, e aportou no Havre em 13 de Setembro. Em Ruão foi preciso desmastrear a embarcação, e arrasar as trincheiras para o passarem pelas pontes do Sena; deram-lhe reboque com dezeseis, e ás vezes trinta cavallos; e por fim, a 23 de Dezembro, ancorou junto á ponte de Luiz XV, e a 8 do Julho seguinte já o obelisco do Egypto jazia estendido em terra de França.

Concluido o pedestal, que lhe destinaram, inaugurou-se aos 23 de Outubro de 1836. Para este fim cravaram-se a macaco no chão grossas estacas de cavallo para segurarem os cabrestantes: depois consolidaram o pedestal com fortes peças de madeira. Com pedra e cal, e taboões, tinham construido um plano inclinado, que, nascendo donde estava o obelisco, ia progressivamente alteando até morrer na altura do pedestal. Por este plano o foram levando, com a ajuda de cabrestantes, cordame, e cadernaes, até com a base tocar no pedestal. Dez mastros de 65 pés de comprimento, oppostos cinco a cinco estavam juntos pelos topos inferiores, de cada lado do obelisco, sobre um grossissimo cylindro de páu, que girava dentro de outro semi-cylindro concavo: os mastros nos topos superiores estavam seguros de uns para outros com vigas atravessadas, tudo amarrado fortemente. Tal era o jogo do machinismo: cabos presos áquellas travessas prendiam no obelisco pouco abaixo da extremidade superior, e como elle podia girar sobre um cylindro de páu collocado no angulo inferior de sua base, facilmente se concebe que recuando os mastros segundo a disposição mencionada, o obelisco seguindo o movimento destes devia-se ir erguendo pouco a pouco. Dez cabrestantes movidos por trezentos artilheiros executaram este movimento: inutil é observar que para augmentar a força motora, e regular o andamento do apparelho, se empregou grandissimo numero de cadernaes.

Todos os apparelhos trabalharam com resultado completo: o obelisco moveu-se á maneira dos astros sem estrondo, nem abalos; e tendo o processo começado ás onze da manhã, findou ás tres horas e doze minutos no meio dos applausos da immensa multidão, que assistia a este espectáculo. Foi cousa pasmosa, um effeito verdadeiramente magico, a passagem dos extremos gráus de obliquidade para a posição vertical: duzentas mil mãos bateram palmas, e retumbaram unisonos os gritos de = *bravo*, *Mr. Lebas*. = O povo de Paris se enthusiasmo, cercou Mr. Lebas, e quasi o levou ao collo quando foi ao ministerio da marinha receber as felicitações de Luiz Philippe.

A simplicidade é o unico merecimento desta operação; assim como a exactidão da manobra era toda a difficuldade. Mas por ambos estes lados se deve comparar a mechanica dos nossos dias á dos tempos passados. Fazer por meio de machinas, e com pouca gente o que então só se executava com milheiros de braços, eis o problema resolvido.

PARTICULARIDADES RELATIVAS ÀS CORES.

INDICANDO algumas applicações dos principios enunciados no artigo concernente ao contraste das côres, impresso a pag. 73 concluiremos o que tinhamos a dizer sobre este assumpto.

Supponhamos que um pintor queira apresentar n'um quadro duas cores de uniforme intensidade postas em contacto, uma vermelha, e a outra azul; á medida que pintar, temperará naturalmente as cores da sua palheta, porque o phenomeno do contraste ha de manifestar-se á delicadeza dos seus olhos previstos; porém se depois um tapeceiro quizer imitar o quadro que lhe derem para modelo, e ignorando a lei dos contrastes, lançar mão sómente de duas especies de lãs, uma azul, e outra vermelha, e as cotejar separadamente com as duas cores do quadro, o que acontecerá? Que a lâ azul, e a lâ encarnada, achando-se em juxta-posição, mudarão de intensidade nos listrões proximos á linha do contacto, e que o pobre tapeceiro cançar-se-ha, e se affligirá debalde para imitar as cores do exemplar, porque a não ser o acaso (o que acontece algumas vezes), ou se a sciencia não vier prestar-lhe auxilio, jámais logrará o seu intento.

Se, pelo contrario, o pintor tiver posto em juxta-posição duas cores de uniforme intensidade, que nesse caso *contrastarão*, só á força de muito trabalho poderá o tapeceiro imita-las, combinando lãs de diversas gradações, o que immediatamente conseguiria com duas lãs uniformes, e, em resultado obterá effeitos que peccarão por excessivos para mais ou para menos.

Deve tambem o armador chamar em seu socorro a lei dos contrastes, quando pretender combinar as cores das fazendas com as das diversas madeiras de que se fazem moveis; e por certo que errará se empregar estofos de côr vermelha amarellada, taes como escarlates, côr de fogo, ou nacarados, para ornato de trastes de mahogono, porque a côr vermelha e brilhante desta madeira desaparecerá de todo, e o páu ficará parecendo-se com a nogueira. Todavia como muitas pessoas preferem o carmesim a qualquer outra côr, mesmo sobre moveis de mahogono, porque o sol não a desbota tão depressa, pôde-se diminuir o máu effeito desta combinação, cobrindo com uma larga tira verde ou negra as partes em que o carmesim e o mahogono estiverem em contacto; ou tambem com um galão de seda amarella, ou de ouro pregado com preganha dourada.

Já tractámos a paginas 76 dos desenhos negros, que estampados em fundos vermelhos, carmesins, ou côr de amarantho, parecem verdes, porque a côr verde, complementar do fundo, se une ao negro. Do mesmo modo o negro, estampado em fazendas verdes, perde toda a sua força. Hoje que é moda pregar nas quinas cartazes amarellados, côr de rosa, esverdinhados, e alaranjados, não é cousa indifferente saber que, para imprimir no papel de côr os caracteres typographicos de modo que deem mais nos olhos, a regra que se deve seguir é que a côr do fundo seja complementaria da da tinta: em papel amarellado, por exemplo, empregar-se-ha tinta violeta.

A lei dos contrastes tambem acha frequentes applicações na distribuição das flores d'um canteiro. O aspecto dos jardins perde ás vezes a sua belleza, quando os olhos não encontram senão azul ou branco, ou os deslumbra o amarellado derramado com profusão, ou tambem quando diversas gradações da mesma especie de côr se acham visinhas, como acontece na primavera se acaso fica o narciso amarellado desmaiado ao pé do duronico côr de ouro, e no outono quando ficam visinhos cravos de Tunes, rosas amarellas, e gyrasoes.

A principal regra dada por Mr. Chevreul para a disposição das flores consiste em plantar as azues ao pé das côr de laranja, ou côr de violeta junto das amarellas, e em cercar de verdura, e flores brancas as amarellas, e as côr de rosa. Além disso, como é possivel calcular as quadras do anno em que hão-de florecez as diversas especies de flores, dispôr-se-hão es-

tas no canteiro de maneira que seja sempre observada a lei dos contrastes, na variedade de cores resultante da florescencia successiva dos arbustos. No mez de Abril o *jasmineiro amarello* com a sua folhagem verde, faz bello effeito ao lado do *pessegueiro anão*, &c.

Não se julgue que as cores dos vestidos não estão tambem sujeitas á lei dos contrastes simultaneos. Todos sabem que um uniforme de panno da mesma côr dura menos tempo em estado de se trazer do que outro de variadas côres; as antigas calças azues do exercito, por exemplo, como não se vestiam no verão, conservavam a viveza da côr mais tempo do que as fardas, e quando se tornavam a vestir no inverno, devia acontecer, como vimos no artigo antecedente, que o azul desbotado da farda velha, ainda desmerecia mais, por estar ao pé do azul mais ferrete da calça quasi nova, que, vice-versa, tomava uma côr mais carregada. Pela mesma razão o uniforme dos dragões francezes, verde e vermelho, é vantajosissimo, por ser composto de duas cores complementares, o que faz que depois de terem as calças e as fardas passado um anno nos armazens, a juxta-posição as aviva, e faz com que mostrem ter cores tão brilhantes como seriam as de uma farda verde, e uma calça encarnada, vistas separadamente, quando fossem novas.

As senhoras possuem o segredo de tirar o maior partido dos effeitos do contraste. Qual dellas ignora que os véus negros tiram para o rôxo nos chapéus verdes, assim como que o côr de rosa sobre o côr de carne faz desmerecer muito mais esta, e por isso assenta melhor nas pessoas trigueiras, que nas claras? Estas observações são proveitosas para a escolha das tapecerias das salas, ou da côr que mais convém dar-se ao fundo dos camarotes nos theatros. As senhoras que se forem ver ao espelho d'uma modista cujo armazem estiver forrado de vermelho, parecerá desbotada a côr do rosto, e, pelo contrario folgarão de ver realçada a louçania da cutis, quando, ao pôr os chapéus, se contemplarem ao espelho d'uma casa de tocar forrada de verde. Convém todavia, que nas particularidades do arranjo e disposição de todo o vestuario, se preste grande attenção aos reflexos, que podem destruir o effeito dos contrastes, e dar um resultado inteiramente opposto. Assim uma cortina verde inundada de luz diffunde em torno a sua côr, que predomina, e apaga o vermelho da côr complementar, a tal ponto que a verde é a unica que fica apparecendo.

METEOROLOGIA.

3.º

DAS ESTRELLAS CADENTES, OU QUE CORREM.

NINGUEM ha que não tenha observado em as noites serenas do nosso clima temperado esses mui pequenos globos de fogo, claros, e rapidos, que, surgindo repentinamente do seio das trevas, se precipitam em diversas direcções, descrevendo uma curva mais ou menos pronunciada, mais ou menos extensa. Estes luzeiros partindo das alturas da atmosphaera, parecem estrellas, que se desapegam da abobada celeste, para irem através do espaço occupar novas posições. Esta analogia lhes deu o nome d'*estrellas cadentes*, ou *estrellas que correm*. Frequentes vezes um vestigio luminoso indica o caminho que seguiu o meteoro: mas esta especie de rastilho é instantaneo; é como um sulco, uma cauda luzente, que se fórma da propria substancia do meteoro, e ao mesmo tempo occasiona a sua destruição.

As estrellas cadentes observam-se em todas as estações, porém mais raras vezes d'inverno que de verão,

sem duvida porque o ar saturado de vapores aquosos impede a formação do phenomeno. Do mesmo modo, ainda que muitos repute a obscuridade condição essencial para a sua origem, nem por isso concluiremos que se não formam de dia. Algumas observações o attestam. Por exemplo, Gassendi affirma que n'um formoso dia de verão, estando o céu sereno, e o ar em absoluta calma, viu antes do meio-dia uma flamma alvissima, que descia perpendicularmente, e tinha a feição de uma pyramide conica, e deixava na passagem um vestigio igualmente esbranquiçado, que diminuia insensivelmente: a final a chamma desapareceu sem ficarem rastos da sua presença. O viajante Bernier conta que observára o mesmo de dia, por muitas vezes, no imperio do Grão-Mogol. Os antigos tambem o suspeitavam. « Que pensariam de mim (diz Seneca) se eu asseverasse que não existem as estrellas durante o dia, porque não são visiveis? — Do mesmo modo que o fulgor do sol as obscurece, e occulta á nossa vista, assim as flammias, e meteoros igneos, que atravessam o espaço, são offuscados pela claridade do dia. — Podem comtudo ser visiveis (acrescenta o philosopho romano) se a vivacidade de sua luz sobrepujar o esplendor diurno. Assim nós temos visto alguns destes fogos brilhantes na força do dia dirigirem-se, uns do oriente para occidente, outros vice-versa. »

A quantas patranhas não teem estes lucidos meteoros servido de texto, desde os delirios populares até as theorias extravagantes de alguns sabios, aliás de reconhecido merecimento? — Se nos referirmos ás idéas vulgares, umas vezes, a apparição d'uma estrella que corre denota o transito de uma alma, que vòa do purgatorio para o paraíso, e os que a observam repetem a usada saudação, que até os rapazes sabem — *Deus te quic* — outras vezes é um sancto que vai de jornada a negocio importante, e quaesquer rogativas, que se lhe dirijam neste passeio, nunca deixam de ser attendidas, assim como um principe acolhe as petições dos seus subditos quando lhe dá na veneta passear pelos seus estados. Offerece-se só uma pequena dificuldade, e vem a ser ignorar-se a que sancto se hão de encaminhar os rogos, e de mais a carreira do bemaventurado é tão subita e rapida, que ninguem terá tempo d'exprimir o menor desejo nessa occasião.

Voltando-nos agora para outro lado: o distincto Mr. Biot na sua *astronomia elementar* pensou que estas estrellas cadentes poderão ser fragmentos de cometas, que atravessem o nosso turbilhão com extrema velocidade, e por isso é tão curta a sua apparição. Para admittir-se esta hypothese era necessario explicar a razão porque estes fragmentos de cometas apparecem sempre da mesma grandeza, com o mesmo esplendor, e com a mesma velocidade; e depois, que incomprehensivel rapidez não seria mister suppor-lhes para correrem n'um abrir d'olhos centenaes de milhões de legoas! A sua velocidade seria maior que a da luz (*).

Os sabios attribuem geralmente este phenomeno á acção do fluido electrico, que encontrando materias humidas na atmosphaera corre as suas moleculas formando uma serie de centelhas em todos os intervallos, que as separam. Esta theoria parece explicar exactamente a rapidez do phenomeno, mas não parece dar perfeita razão de todas as circumstancias deste meteoro. Com effeito, as estrellas cadentes seguem sempre uma linha mais ou menos inclinada para o horizonte, conforme a força, e impulso do vento, mas o seu movimento nunca é ascendente. Porém, se a electricidade fosse a sua causa unica, não sabemos por-

(*) A luz, segundo o systema da emissão de Newton, corre em 8 minutos e 13'' o espaço que nos separa do sol; isto é, quasi 70 mil legoas por segundo.

que lei o fluido se determinará a seguir um movimento vertical, ou obliquo antes que outra direcção.

Descartes pensava que as estrellas cadentes eram simplesmente materias terrestres erguidas ao ar por effeito da evaporação, e que encontrando o que elle chamava *segundo elemento* se inflammavam, e caíam para a terra em consequencia d'uma nova combinação. Esta explicação parece mui natural depois que Volta nos mostrou a arte de initar estes phenomenos, que antes d'elle só a natureza tinha produzido. Tome-se agua de sabão, impregne-se de ar inflammavel, isto é, de gaz hydrogenio, e soprem-se bôlhas semelhantes áquellas que fazem os rapazes; depois por meio da machina eletrica toque-se a bôlha: uma centelha lhe larga fogo subitamente, então o globo inflammado se despega, corre um mui longo espaço com muita rapidez, como o meteoro, e a final rebenta com estrondo.

Quem confrontar esta experiencia com o que disse-mos ácerca dos fogos fatuos em o N.º 21 deste Jor-

nal, facilmente comprehenderá que se se ajuntarem nas regiões elevadas da atmosphaera exhalações especificamente mais leves que as camadas inferiores d'ar, e estas exhalações se combinarem com o gaz hydrogenio, que sem cessar emana das aguas, que cobrem a terra, e se inflammarem por um effeito puramente electrico, produzirão assim o phenomeno das estrellas cadentes. As materias subtís, que por virtude da sua combinação tornam as substancias grosseiras das emanações, assaz tenues para nadarem na atmosphaera, sendo uma vez dissipadas pela rapida combustão, as moleculas mais grosseiras se aproximam, se fazem mais pesadas, e tendem para a terra, seguindo uma linha, ora vertical, ora obliqua, em razão da força, ou nullidade do vento.

Esta explicação, que parece muito plausivel, é tanto mais importante, quanto por ella se póde igualmente dar razão de outros phenomenos analogos.



O BODEQUIM, OU CABRA MONTEZ.

(*Capra ibex*. LIN.)

ESTA especie, como a das camurças (*antilope rupicapra*) habita ossitios escarpados das mais altas montanhas: os Alpes, os Pyrenneós, as serranias da Grecia, e das ilhas do Archipelago, são quasi as unicas paragens onde se encontram, porque tanto fogem dos grandes frios das latitudes subidas, como dos calores da proximidade da zona torrida: de verão residem ao norte de suas montanhas, e de inverno buscam o lado meridional, e descem dos altos para os valles.

O bodequim é maior, e mais vigoroso que o bode domestico, de que tambem differe n'algumas circumstancias de fórma: a cabeça é curta, os olhos grandes, e mui vivos, e os cornos são annelados de espaço a espaço, augmentando a curva, que descrevem, á proporção do comprimento, e ás vezes tão excessivamente prolongados, que chegam á origem da cauda, quando o animal ergue a cabeça, e os estende para o costado. Este enfeite cornigero talvez em occasiões

lhe seja incommodo, porque não é raro encontrar alguns do peso de doze libras, a femea não é tão copiosamente armada como o macho; porém é mais esbelta, e engraçada.

A muda produz nestes animaes uma alteração de côr, de fórma que são cinzentos no inverno, e trigueiros, ou amorenados no verão. A femea só tem um de cada barriga, e seria grande o seu embaraço se tivesse mais, porque os pastos são escaços, onde elles vivem retirados, preferindo a segurança á abundancia. Porém ainda assim mesmo os caçadores lhe não consentem este repouso comprado á custa de tão rígidas privações. Alguns dos habitantes dos Alpes tem decidida paixão pela vida aventureira, pelos riscos, e fortes commoções do caçador de bodequins, e camurças. Estes animaes trepam mais facilmente do que descem, porque teem as mãos mais curtas que os pés; e por isso se refugiam nas alturas quando são perseguidos. Firmes, e confiados nos seus movimentos, se arrojam, e sustêm á borda dos precipicios, onde lhes não podem chegar o caçador, ou os cães, sem o perigo de quedas mortaes. Os homens, que por irre-

sistível inclinação abraçam esta profissão perigosa, acabam quasi sempre de morte prematura; todavia em quanto dura é mui lucrativa pela valia das pelles. De todos os visinhos dos Alpes os povos do Tirol são os mais destros, e bem succedidos neste exercicio, e delles recruta o exercito austriaco atiradores intrepidos, e temiveis.

Esta caça é mui penosa, e arriscada, não só pelo agreste dos sitios, como porque os cães pouco auxilio prestam, e o bodequim vendo-se apertado pula, e com violenta marrada derruba o caçador ás vezes no proximo despenhadeiro. As camurças são tão ageis, e espartas como os bodequins, mas são menos fortes, e mais numerosas, e andam quasi sempre em bandos. Hoje não são unicamente as pelles destas especies o objecto da caça, mas inda mais as dos veados, e gamos, dos zorlitos, ou cabras montezez, &c.

Posto que os bodequins quanto podem evitam os animaes carnivoros e de rapina (comprehendida a nossa especie), buscam a sociedade dos seus semelhantes, e se podessem acostuma-los á vida domestica, se fariam sem custo numerosos rebanhos, e ha exemplos de alguns mansos fazerem casta com as cabras caseiras. Os caçadores os encontram frequentemente aos oito, e aos dez, e não se topam mais juntos, porque a necessidade de viver os obrigaría a largar seus asylos, tendo de occupar forçosamente maior espaço. Mas apesar da extrema sobriedade são dotados de prodigiosa força muscular, e se atiram aos pulos por ingremes penedos acima, chegando á ponta, e sustendo-se n'uma aresta, onde um homem não poderia firmar o pé, e estar immovel meia duzia de segundos.

Como caça, o bodequim, sobre tudo em novo, é muito estimado dos comilões. Foram muito preconizadas antigamente as propriedades medicinaes do seu sangue, principalmente contra os pleurizes, e diziam que descoagulava o sangue, e promovia a transpiração; porém ignora-se como criaram voga, e ao depois perderam a fama. Ha quem affirme que o sangue do bode domestico tem as mesmas virtudes, nutriendo-os com aservas aromaticas, que os bodequins, e camurças costumam pastar.

OS PASTORES HABITANTES DOS ABRUZZOS.

Os ABRUZZOS, paiz dos Samnites nos tempos de Roma primitiva, são hoje duas provincias do reino de Napoles, a ulterior, e a citerior, ambas extremamente montanhosas. As planicies das circumvisinhanças de Sulmona e de Chieti, que são duas das suas cidades mais importantes: as corôas, e encostas dos outeiros, que cercam o formoso lago Celano: algumas tiras de terreno ao longo das costas do Adriatico; e poucos outros sitios mais, são susceptiveis de proveitosa cultura, e com effeito são bem agricultados: mas, geralmente fallando, o solo é montuoso, e aspero, falto de recursos para a economia rural, excepto em copiosos pastos para ovelhas, e mattos para cabras. Por este motivo os habitantes deste paiz são um povo eminentemente pastoril. Entrando sem prevenção nos Abruzzos pelo lado da romantica cidade de Castel di Sangro, inulo de Napoles, o viajante encontra um mundo novo, cujas formas são singelas, e primitivas. Desapparecerão da sua vista as videiras pendentes dos ulmeiros em graciosos festões, os campos vecejantes de corpulentos pés de milho, as terras fecundas que dão duas novidades, os pomares florecentes, e os fechados e sombrios pinhaes italianos, e a população agil, e garrula da agricultora e fertil provincia da *Terra di Lavoro*, ou, *Campagna Felice*; mas em cambio descobre immensos rebanhos d'ovelhas derra-

mados pelas pastagens das serras, ouve a incessante bulha dos chocalhos das cabras nas alturas dos montes, observa as choças, e os casaes; e em vez de o cercarem hortas, e campos cultivados, vê-se rodeado de curraes, e redís; e quasi as unicas pessoas, que de caminho encontra, são os pastores vestidos com seus jalecos, guarda matos, e cothurnos, tudo de pelles d'ovelha, e acompanhados de rafeiros brancos, e fel-pudos. Em logar dos aqueductos, e encanamentos das terras chãs, só vê arvores escavadas, não como as manilhas de barro, mas do feitio de calhas, para conduzir a agua, e onde os rebanhos bebem em qualquer parte. Além destas ha dispersas algumas fontes de pedra de estructura igualmente rustica, e com as mesmas calhas para commodidade dos gados. Em uma palavra, o aspecto deste paiz é essencialmente pastoril. Os costumes de seus habitantes, que passam a maior porção da vida em quasi absoluta solidão, apresentam á imaginação quadros dos primitivos tempos do mundo. Os camponezes dos Abruzzos teem a mesma paixão pelas tradições romanticas que os montanhezes da Escocia, e em geral os de todos os paizes montuosos; são igualmente supersticiosos; tem o mesmo gosto da musica, e o seu instrumento favorito *la zampogna* é muito semelhante á gaita de folle dos escocêzes. Conservam tradicional veneração ao seu compatriota Ovidio, mas como os rusticos napolitanos, que julgam que Virgilio fôra um grande magico, fundam elles a reputação do seu poeta na nigromancia. Na cidade de Sulmona, patria do vate, ha uma grosseira estatua de pedra, e metteu-se em cabeça ao povo appellida-la de Ovidio Naso. Um dia estando a ve-la um inglez, passou um pegureiro, e lhe tirou o chapéu, como se fosse a effigie d'algum sancto. O viajante que ainda ignorava a prenda de magico attribuida a Ovidio, tomou a cortezia como uma prova de veneração popular ao talento, dizendo com os seus botões que por certo um camponio inglez não tiraria o seu chapéu a qualquer estatua de Milton, ou de Shakspeare.

Os pastores dos Abruzzos são bem apessoados, e se fazem excellentes soldados, principalmente de cavallaria, posto que são naturalmente adversos á disciplina militar. As melhores tropas de Murat foram recrutadas nos Abruzzos. Em diversas epochas foi este paiz muito infestado por bandoleiros principalmente nas fronteiras, e passos das montanhas para os estados romanos, em ranchos compostos mais dos banidos d'outras terras que dos naturaes das serranias, onde aquelles malfeitores vem procurar abrigo.

O inverno é muito rigoroso nestas montanhas, que teem algumas summidades cobertas sempre de neve, como os altos picos do *Gran Sasso d'Italia*, os das visinhanças de Aquila, cidade capital das provincias, e outros. A *planicie das cinco milhas*, valle estreito e chão quasi no topo dos Apenninos, que é a principal comunicação com a cidade de Napoles, é sujeito a gelos fluctuantes, e á temiveis furacões. A neve accumulada frequentemente impede o transito com risco das vidas. Os ventos, que sopram das serras, ainda não bem acabado o verão, são gélicos, e penetrantes. Os numerosos rebanhos, que por alli pastam no estio, morreriam se lá os deixassem no inverno; e por isso no abrir desta estação os pastores emigram com elles para as baixas d'Apulha. Esta planicie é um vasto amphitheatro, que se estende em frente do mar Adriatico, e o resto é fechado pelo Garganus, e uma volta semicircular e rapida da cordilheira dos Apenninos onde campêa a pyramide do Monte Vultur, volcão extincto, cujas crateras são actualmente lagos romanticos. Todavia os montes no geral abrigam a planicie dos ventos nocivos do inverno, e o clima é

brando, e agradável, como era d'esperar da latitude favoravel da região, e da sua insignificante elevação acima do nivel do mar. A carencia d'aguas, e a falta absoluta d'arvores, que attrahem a humidade ao chão sequioso, teem sido as razões porque esta immensa planura permanece intacta pelo arado, e a enxada. A sua grande extensão apresenta a apparencia de um deserto oriental, onde, quando não o animam os pastores d'Abruzzo com seus gados, podeis vaguear milhas e milhas em todas as direcções sem encontrar um homem, nem vestigios alguns d'humana industria — sem avistar uma arvore, ou uma moita, ou a minima eminencia, que encubra a vista do Adriatico, e das montanhas circumstantes.

Cada rebanho, que chega dos Abruzzos a este *Taboleiro d'Apulha*, como lhe chamam nas estatisticas napolitanas, é contado, e paga um tanto por cabeça por direito de pastagem: pequenas como são estas taxas, pelos innumeraveis gados, que alli concorrem, produzem uma somma, que, depois de deduzidas as despezas da cobrança, rende muitos mil pezos, ou ducados, ao governo napolitano. Ha espalhados na planicie grandes telheiros, e casas baixas construidas de pedra e barro, que ou pertencem a grandes proprietarios de rebanhos, ou lhes são alugadas por preço modico pelos administradores do *taboleiro*. Outras residencias temporarias constroem os pastores quando chegam, como palhoças, e barracas, &c. Por causa dos lobos, que frequentemente descem ás serranias, onde habitam, sustentam os maioraes grande numero de rafeiros, que são de excellente raça, de côr branca, e corpulentos, e fortes, muito leaes, e guardas vigilantissimas: bastam dois para o lobo mais valente, e atrevido.

No meio daquella bravia planicie, a quasi seis milhas da cidade de Canosa (antigamente Canusium) era o assento, que hoje mal se conhece, da cidade de Cannas, junto á qual se deu a famosa batalha deste nome, em que os romanos desbaratados por Annibal perderam a flor de seus cavalleiros. Os unicos objectos, que ainda restam da antiga cidade, são uns vestigios de muralhas, e algumas excavações, ou quartos subterraneos com poços; e a pouca distancia dois grandes marcos de pedra, ao cabo d'um terreno, escoreados um no outro — simples monumento, que serve para os pastores indicarem o campo de Cannas, ou como elles dizem, o campo de sangue.

O auctor deste artigo, que observou pessoalmente estes logares, conta que recebêra dos pastores, de que fallámos, e que temporariamente os habitam, o mais cordial agasalho, e hospitalidade. Juncto a Cannas o acolheu um maioral exprimindo-lhe o pesar de que o seu tugurio fosse tão indigno para receber uma pessoa distincta; e o regalou com uma frigdeirada d'ovos, e algumas talhadas de toucinho, excellente pão de milho, uma especie de requeijão, e algum vinho generoso trazido de Canosa. Como o sol se ia escondendo, e o crepusculo é escaço naquelles paizes meridionaes, antes de finda a comida era já noite cerrada. O maioral offereceu ao seu hospede manda-lo acompanhar por dois homens até a proxima cidade de Canosa; ou querendo determinar-se a passar mal uma noite o ficar alli com elles. O viajante accitou este ultimo partido; e posto a bom recado o seu cavallo, deitou-se n'um estrado, e o cobriram com pelles de ovelha, ao pé do lume.

Quando toda a sociedade pastoril se reuniu, o maioral tomou a presidencia, e entoaram em voz clara as suas rezas da tarde. Logo um rapaz accendeu um velho castiçal maciço de bronze, que parecia ter pertencido ás excavações de Pompeia, e saudou com — *la santa notte a tutta la compagnia*. Então os pegureiros

tomaram a sua frugal refeição, que consistiu principalmente em pão de milho, cebolas crúas, e um pouco de vinho.

O interior da casa constava de um só quarto, e faziam fogo no meio sem chaminé, saindo o fogo pelas figas do tecto: o chão estava alcatifado com palha de milho, e pelles d'ovelha, que eram as camas daquella gente, excepto dois, ou tres estrados destinados aos maioraes. Tirados estes, e alguns utensilios grosseiros de cosinha, não havia outros trastes na casa.

Na manhã seguinte o viajante se achou apto para continuar a sua jornada até Canosa, e querendo retribuir o bom agasalho com algum dinheiro, o seu hospede o recusou, mostrando-se escandalizado da offerta, e não recebendo mais paga do que sinceros agradecimentos. Eis-aqui mais uma prova de que os povos pastores apesar da sua ignorancia, e rusticidade, são por natural condição hospitaleiros, e bemfazejos.

PRESENTIMENTO DOS TURCOS.

O MAIS amplo cemiterio dos turcos de Constantinopola está situado nas praias da Asia; porque como os habitantes desta cidade estão persuadidos de que serão constrangidos a retirar-se para a Asia, d'onde vieram, querem que os seus corpos descancem em um logar onde os christãos inimigos da sua religião, não venham inquietá-los.

Antigas prophecias, e assaz curiosas coincidencias de nomes, que se encontram na historia de Constantinopola, arreigam n'alma dos supersticiosos turcos esta crença.

Constantinopola foi engrandecida e escolhida para séde do imperio grego no anno 328, por um Constantino, filho de Helena, sendo patriarcha um Gregorio; foi tomada, e destruido o imperio grego, reinando outro Constantino, filho de Helena, e exercendo a dignidade patriarchal outro Gregorio. Os Latinos se apoderaram della sob o commando d'um Balduino em 1204, e foram expulsos em 1261, no reinado d'outro Balduino. Os turcos, capitaneados por um Mahomet, assenhorearam-se della em 1453, e estão persuadidos de que a perderão no reinado d'outro Mahomet, nome do sultão actual; finalmente, na epocha em que se manifestou a revolta da Grecia, era um Constantino o herdeiro presumptivo do throno da Russia, e o patriarcha de Constantinopola chamava-se Gregorio. Este foi enforcado, e Constantino morreu depois; porém os turcos ainda assim mesmo estão persuadidos de que a fatal combinação dos nomes de Mahomet, Gregorio, e Constantino, presidirá á destruição do seu poderio na Europa. — *Walsh, viagem á Turquia.*

ALLIANÇA FRATERNAL DOS MALGACHOS.

SUBSISTE ainda entre os malgachos habitantes da ilha de Madagascar, um antigo uso, digno de ser proposto como exemplo ás nações da Europa, e vem a ser o juramento do sangue, ou solemne e fraternal alliança contrahida por dois individuos que se obrigam a prestar-se mutuo auxilio. Preside á cerimonia a principal auctoridade do sitio, ante a qual se ferem os dois amigos na boca do estomago. No sangue que das feridas corre ensopam-se dois pedaços de raiz de gengibre, e cada um dos futuros irmãos d'armas come o pedaço tinto no sangue do outro. Apresenta-lhes então o mestre de ceremonias um vaso contendo agua doce, agua salgada, arroz, prata, e pólvora, e tendo molhado duas azagaias nesta mistura,

perante os contrahentes, com a arma que fez as feridas, passa a pronunciar a imprecação seguinte: — «Grande Deus! Senhor dos homens e da terra, digna-te de ser testemunha deste indissolúvel juramento; seja fulminado o primeiro de nós que o quebrantar, e devorem os cães a mãe que o gerara. Concluidas a jura, e imprecações arremessam os dois irmãos as suas azagaias na direcção dos quatro pontos cardeaes, querendo conjurar desta arte os genios do mal. Invocado finalmente o testemunho da terra, do sol, e da lua, bebe cada um delles metade da porção do liquido contido na taça, dirigindo fervorosas preces a todas aquellas potestades para que convertam em mortal veneno a bebida do perfido que, ao pronunciar o juramento, premeditar trahi-lo.

UMA ESCHOLA TURCA.

A SEGUINTE anecdotica é extrahida de uma carta escripta de Bujukdere por um viajante inglez.

Á eu passeando com dois amigos pela rua principal de uma aldêa visinha, quando um borbórinho de vozes attrahiu a minha attenção. Percebi que o ruído saía de uma especie de mesquita, com que íamos a dar de rosto: então perguntei se poderíamos entrar; porque a nenhum estrangeiro é permittido entrar nas mesquitas turcas sem expressa licença. Responderam-me que sim. Seguindo, pois, pelo som, subimos um lanço de escadas, e em vez de nos achar n'um logar de oração, démos n'uma quadra com bancas por pé das paredes, ás quaes estavam sentados muitos rapazes com seus livros nas mãos. Disto concluimos que era a eschola da aldêa; e depois sube que a muito custo haveria outra melhor em Constantinopola. A um canto da sala vimos o mestre reclinado n'um asseado tapete: era um velho mullah, ou ecclesiastico, com um turbante enorme na cabeça, barba grizalha, caftan amarello, e pernas cruzadas inteiramente ao modo turco. Tinha na mão esquerda um comprido cachimbo, em que fumava, e estava com a direita pousada no collo com toda a quietação, salvo que de quando em quando a agitava, como se tivesse um tremor nervoso. Do lado esquerdo tinha um rolo de tabaco, e diante de si um grande calhamaço, que era provavelmente o Alcorão. Segurava com a mão que tinha caída no collo uma canna da India de tão desmesurado comprimento, que chegava ao tecto, posto que estivesse encostada á parede. Quando entrámos saudou-nos com um leve meneio de cabeça; mas nem se ergueu, nem tirou o cachimbo da boca. Os trinta rapazes que estavam sentados, ou de joelhos, conforme a idade de cada um, á roda da mesa, e em cima de tapetes, distrahiram-se um momento da lição, com a nossa chegada; mas uma olhadella involuntaria que deram para a carranca do mestre, ou antes um signal que elle lhes fez com os dedos da mão direita, que nem por isso tirou do collo, os metteu todos outra vez a caminho. Pareceu-nos que estavam aprendendo a ler, e muito adiantados, porque já nenhum soletrava. Liam todos rapidamente, e como cada um lia alto, e nenhum a mesma passagem, faça-se idéa da bulha e confusão de linguas que ali haveria. Os mais crescidos, ou mais expertos (porque entre elles havia alguns mui pequenos) faziam de decuriões: estes não liam, como o resto dos seus condiscipulos, mas ouviam e emendavam; isto não meramente com palavras, mas com a ajuda de murros dados pela cara sem cerimonia. Particularmente certo pequeno diabrete que era um raio em corrigir os *lapsus-linguae*, não fazia escrupulo algum de repetir os seus sóccos *liliputianos*, e dirigi-los, com toda a actividade e an-

cia, á cara de um alentado marmanjo que parecia incorrigivel, e a quem elle servia de mentor: pouco lhe importava, com tudo, que os murros fossem cair nas ventas do gigante, ou nas de outro rapaz que estivesse ao pé delle. Durante esta scena o pedagogo, que estava ao canto, continuava a fumar no seu cachimbo, sem mover pé nem mão, como se fôra tolhido. Um dos meus companheiros que tinha um punhado de amendoas torradas na algibeira, deu-lhe na vontade armar desordem, e atirou com ellas ao meio da sala. Podia-se dar alguma cousa para ver o barulho que então se armou: decuriões e rapazes, tudo atirou com os livros, saltando nas amendoas. Telas-iam devorado em menos de um credo, se os dedos do velho mullah não houveram pilhado de salto a descommunal canna da India, com que, sem se desencrusar, nem tirar o cachimbo da boca, assentou as costuras aos rapazes para todos os lados, porque não havia recanto aonde o desalmado comprimento da canna não chegasse. Tudo então correu a postos, e nós para a rua, antes que alguma cousa nos tocasse tambem pelo espinhaço.

Eis-aqui um modelo das escholas turcas. — *Journal of Education* N.º 18.

Espingardeiros: cór ingleza para os canos das espingardas. — Dissolva-se em quartilho e meio d'agua da fonte oitava e meia de sulfato de cobre (*pedra lipes*), e depois misture-se-lhe outra oitava e meia de alcool nitrico, contendo tres oitavas de hydrochlorato de ferro, e lance-se com cautela sobre todos estes ingredientes uma oitava de acido nitrico (*agua forte*). Estenda-se a mistura nos canos com um panno, depois de estarem bem limpos: logo que enxugue a primeira camada dê-se-lhe segunda.

Para os canos feitos de fitas de aço, emprega-se a composição seguinte:

Quartilho e meio d'agua da fonte, duas oitavas e meia de hydrochlorato de ferro, duas oitavas e oito grãos de alcool nitrico, duas oitavas de sulfato de ferro (*capa rosa verde*).

Pisa-se o sulfato de ferro e dissolve-se na agua: feita a dissolução, accrescenta-se-lhe o hydrochlorato e o alcool. É preciso que não esqueça chocalhar bem a garrafa, para que a mistura seja perfeita. Antes de empregar esta composição, que se estende com uma esponja, é necessario correr os canos com acido sulfurico (*vitriolo*) diluido.

Pedra de toque economica; meio de reconhecer o ouro. — Toma-se uma pederneira (*silex*), e roça-se sobre ella o objecto que se pretende ensaiar. Quando a marca metalica estiver sufficientemente impressa, accende-se uma mecha bem enxofrada, e chega-se quanto for possivel á marca feita na pedra. Se o metal não for ouro desaparecerá a marca.

As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 26 deste Jornal, são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrem interrupção na entrega.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.